

Veredas

Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

O humor verbo-pictórico em expressões idiomáticas

Languisner Gomes (UECE)

RESUMO: Esse estudo pretende discutir quais são os processos cognitivos geradores da metáfora conceptual e do humor presentes nas seguintes expressões idiomáticas (EIs): O bom cabrito não berra (FERNANDES, 2001, p. 87) e Engolir sapo (BALLARDIN; ZOCCHIO, 1999, p. 14). Nossa hipótese é a de que estas EIs são motivadas pela mesma metáfora: ACQUIESCING IS SWALLOWING (ACEITAR É ENGOLIR) (GRADY, 1997, p. 294. Para atingirmos nossos objetivos, utilizaremos os pressupostos de Grady (1997), Lakoff (1999, 1987), Fauconnier e Turner (2002) e Kövecses (2005). Argumentamos que os efeitos do humor dependem de um processo metafórico e entender estes efeitos requer considerar a mesclagem envolvida na geração do significado.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; mesclagem conceptual; representação pictórica; humor

Introdução

Pensar sobre questões ligadas à idiomaticidade implica, como fator primordial, conhecer o objeto de estudo, tanto com relação a seu papel no sistema linguístico quanto com relação a seu significado. É necessário, portanto, como primeiro passo, identificá-la na língua como sendo uma expressão idiomática (doravante EI) e não uma expressão similar ou próxima desta, algo que tenha sido consagrado pela tradição cultural do grupo linguístico em que ela é usada, tornando seu significado estável. Quem confere esta estabilidade é a comunidade na qual ela é usada, envolvendo aspectos sócio-histórico-culturais. Por exemplo, a expressão “engolir comprimido” tem um sentido literal, ao passo que a EI “engolir sapo” é figurativa em essência e tem o sentido de “aceitar calado” e isto envolve um pensamento metafórico. Assim, é a experiência do indivíduo somada à do grupo que permite certa estabilidade ao significado da EI.

Na exploração do mundo (des)conhecido, as EIs refletem a (re)significação das EIs em novas formas de conceptualização e, conseqüentemente, a maneira como nos relacionamos com os indivíduos. Os estudos dos processos subjacentes à compreensão e à produção de EIs têm levado a diferentes resultados. As EIs apresentam um desafio importante para aqueles interessados em tentar compreender esses enunciados.

Falar de pensamento metafórico na compreensão de EIs é falar que a metáfora está presente em nosso cotidiano, seja quando percebemos ou não essa presença. Tanto é assim que para alguns estudiosos como Lakoff e Johnson (1980, 1999), a metáfora está diretamente ligada ao corpo e à nossa experiência, estruturando nosso sistema conceptual e nosso modo de pensar. Ao longo de nossas vidas, circulam as mais diversificadas maneiras de transmitir ideias e sensações. É com isso em mente que este trabalho de investigação incide sobre uma forma peculiar de expressar pensamentos, qual seja a expressão idiomática, que carrega em seu bojo a também constante discussão a respeito da dicotomia literal-figurativo assim como da composicionalidade. Lakoff e Johnson (1999) têm trabalhado sobre a perspectiva de uma semântica cognitiva que é caracterizada como “corporificada”, ou seja, o pensamento e a linguagem não são fenômenos “descorporificados”, nem é a metáfora um caso especial de atividade verbal, única da poesia ou arte, ao invés, a metáfora é fundamental para o pensamento em todas as áreas da cognição.

A proposição de Lakoff e Johnson é a de que nosso sistema conceptual é em grande parte metafórico e influencia em grande medida o pensamento e nossas ações. A partir dessa guinada teórica a metáfora passa a ser entendida como uma forma de raciocinar própria do ser humano, e sendo possível sua identificação nas formas de que o homem se utiliza para manifestar suas impressões sobre as coisas do mundo e, além disso, para indicar como se estabelecem as relações entre o homem e seu ambiente. As teorias da metáfora conceptual assumem que o sistema conceptual humano é baseado em um conjunto de conceitos oriundos da experiência, entendidos via mapeamentos. Sendo assim, se entendermos que as EIs têm uma base metafórica, podemos pressupor que elas são motivadas pelos mapeamentos conceptuais. Em outras palavras, as EIs são conceptualmente motivadas no sentido que há mecanismos cognitivos (tais como metáforas, metonímias e conhecimento convencional) que fazem uma interconexão entre aquilo que pode vir a ser considerado com significado literal ou figurativo, idiomático.

Os estudos referentes à linguagem figurada têm demonstrado a diversidade de aspectos atinentes ao pensamento metafórico e isso inclui questões relativas à geração de metáforas licenciadas em expressões linguísticas. Cabe assinalar que as EIs podem emergir tanto na fala quanto na escrita, ou mesmo em outros veículos como as representações pictóricas e suscitam questões relativas aos efeitos de sentido que produzem. Disso decorre a relevância da EI.

Baseados nessa pressuposição é que nosso objetivo central é discutir quais são os processos cognitivos geradores da figuratividade e, conseqüentemente, do humor presentes nas seguintes EIs verbais e não-verbais (pictóricas): *O bom cabrito não berra* (FERNANDES, 2001, p. 87) e *Engolir sapo* (BALLARDIN; ZOCCHIO, 1999, p. 14) e como objetivo específico discutir a inter-relação entre figuratividade e humor presentes nas EIs em questão e em suas representações pictóricas (RPs).

Apesar da importância da figuratividade, ressaltamos que os estudos estritamente ligados às expressões idiomáticas não têm tido tanta atenção e isso, além de nosso interesse por esse tema, é um dos motivos que justifica nossa escolha pela associação entre figuratividade e humor nas EIs. Há, no entanto, algumas outras razões motivadoras para nossa escolha pelo estudo das EIs: uma primeira se deve ao fato de o idiomatismo fazer parte

do cotidiano das pessoas, revelar o lado criativo do homem e ser inusitado, em algumas circunstâncias, dando introdução a um novo sentido no léxico. Uma segunda razão é o fato de as EIs e o humor revelarem maneiras comunicativas de que se serve um povo para expressar aspectos de sua cultura, ajudando-nos a entender a forma como as pessoas pensam e agem. Outra razão para esta escolha reside no potencial idiomático para a comunicação e na rapidez com que essas expressões se instalam nas comunidades, assim como o quão são velozes em sair de cena, caracterizando-se como um aspecto altamente cultural e fluido. E, uma última razão vem do interesse em tentar entender que mecanismos levam a junção cartoon (representação pictórica) e expressão verbal (escrita) a criar um certo humor em quem as vê.

Dentre as várias teorias disponíveis que poderiam ser utilizadas para dar conta desses aspectos e amparar nossas análises, escolhemos a de Kövecses (2005) e, conseqüentemente, a de Lakoff e Johnson (1980, 1999) juntamente com a Teoria da Integração Conceptual (*blending*) de Fauconnier e Turner (2002) por acharmos que, além de serem abordagens complementares, possibilitam a descrição dos mecanismos cognitivos geradores da figuratividade e do humor das EIs. Com isto em mente, levantamos a seguinte questão: Até que ponto a geração do humor presente nas representações pictóricas das EIs é resultante da combinação da figuratividade das EIs e da não-figuratividade de suas representações pictóricas?

Nossa hipótese básica é a de que a geração da figuratividade e do humor é resultante da inter-relação de processos literais e figurativos que culminam na emergência de metáforas. E, no caso específico das EIs: *O bom cabrito não berra* (FERNANDES, 2001, p. 87) e *Engolir sapo* (BALLARDIN; ZOCCHIO, 1999, p. 14), nossa hipótese é que estas EIs são motivadas pela mesma metáfora ACQUIESCING IS SWALLOWING (ACEITAR É ENGOLIR) (GRADY, 1997, p. 294).

1. Afinal, o que é o humor?

Mas, afinal, o que é humor? Quando dizemos que algo é engraçado experienciamos uma incongruência entre objetos, entre elementos de um objeto ou entre um evento e uma expectativa. Este contraste também é refletido no fato de os termos (engraçados, cômicos) que usamos para denotar as propriedades percebidas do estímulo, nos levam a nos ocupar em tal processamento brincalhão da incongruência que tem segundos sentidos, ou seja, a nos ocupar com o não usual assim como com o duvidoso, suspeito. A incongruência frequentemente ocorre sem que o esperemos e a percepção do humor pode envolver surpresa.

Com relação, no entanto, à nomenclatura “humor” não há consenso entre os pesquisadores. Para Ruch (2006), há uma nomenclatura histórica do campo da estética onde o cômico (ou engraçado) – definido como a faculdade de ser capaz de fazer rir – é distinguido de outras qualidades estéticas, como beleza, harmonia ou tragédia. O humor é simplesmente um elemento do cômico – assim como o chiste, *nonsense*, sarcasmo, ridículo, sátira ou ironia – e basicamente denota uma atitude bem disposta em relação à vida e suas imperfeições: um entendimento das incongruências da existência. Humor, neste sentido estrito, é uma forma de metamorfosear a realidade e expressá-la de forma satírica e atenuando sua rigidez interpretativa. A capacidade de perceber a incongruência e criar um efeito engraçado deve ser mesclada, tanto com benevolência quanto com malevolência, ou seja, pode servir para retratar uma fraqueza humana, em geral, ou, então, indicar a aceitação de uma forma de ser considerada inadequada ou ressaltar o engraçado da fraqueza de uma pessoa em particular.

O humor que estaremos investigando aqui tem sentido amplo, ancorando-se no consórcio entre a expressão linguística (EI) e a expressão visual (RP). Não é raro encontrá-lo em materiais impressos de circulação nacional, ilustrações, charges, caricaturas e *cartoons*, que nos levam a rir. A linguagem do humor, estruturada para este ou aquele fim e apresentada neste ou naquele suporte, pode ser caracterizada por alguns aspectos recorrentes e significativos.

Este humor poderia ser visto como um fenômeno multifacetado e, portanto, difícil de ser encampado por uma única teoria ou ser examinado por um único paradigma. Rusch (op. cit.), falando acerca do processamento dos textos humorísticos, afirma que os modelos tipicamente descrevem dois estágios, ou processos recursivos distintos: (1) aquele que é originalmente percebido em um sentido, frequentemente sério, é repentinamente visto de uma perspectiva totalmente diferente e (2) o humor surge de uma integração repentina de ideias contraditórias ou incongruentes, atitudes ou sentimentos que são experienciados objetivamente.

Conforme Veale (2003), a língua é o meio dominante da expressão humorística. Para esse autor, o humor verbal é linguístico por definição, mas mesmo o humor visual (na forma de *cartoons*, por exemplo) pode frequentemente derivar seu significado de uma expressão linguística subjacente tal como uma metáfora ou uma EI. Veale (op. cit.) afirma que a linguagem do humor parte da mediação corporal (física), para atingir o pensamento abstrato. Para dar conta adequadamente desta extensão em uma teoria do humor, é necessária uma estrutura linguística que reconheça a compreensão de domínios de conteúdos arbitrários que sejam formalmente equivalentes em um nível abstrato. A Linguística Cognitiva é uma dessas estruturas, pois vê a língua não como um módulo mental separado, mas como uma faceta experiencial da inteligência geral humana que está integrada com outras questões ligadas ao comportamento, tal como raciocínio, consciência espacial e temporal, processamento visual e processamento motor.

Ainda segundo Veale (op. cit.), o relacionamento entre o humor e a idiomatidade não é controverso: cada um evoca certo grau de tensão para obter comparações e implicações. Portanto, falar de humor é falar de conexões entre ideias e, segundo Ritchie (2006, p. 28), é possível que a metáfora possibilite “a ativação de um novo conjunto de conexões e a compressão de um conjunto previamente ativado, quando a nova informação torna o novo conjunto relevante e o antigo irrelevante”.

2. As representações pictóricas

Assim como o humor, conceituar a expressão representação pictórica (doravante RP) não é tão simples quanto aparenta. No entanto, há um ponto convergente entre os teóricos, ou seja, eles entendem por RP algo utilizado para representar uma outra coisa, na sua ausência. Há, portanto, em toda RP três dados relevantes: (1) uma seleção da realidade, (2) uma seleção de elementos representativos, e (3) uma estruturação interna que organiza os referidos elementos. Esses dados permitem àquele que faz uso da imagem representar a condição humana. Como a RP está disseminada em quase todos os campos do saber humano, isso nos leva a tentar compreendê-la, ou seja, explicitar a forma como comunica e transmite uma mensagem. No nosso caso, mais especificamente, o humor e sua representação pictórica.

Joly (1999, p. 13-14) assegura que a imagem indica algo que, embora nem sempre visível, é sempre resultado da produção de um sujeito. E acrescenta que imagens são como reflexos no espelho e tudo o mais que emprega o mesmo processo de representação.

Entre as vantagens do uso de RPs (imagens), afirma Silveira (2005), destaca-se o fato de serem universais, pois vencem a barreira da linguagem, podendo, através de um entendimento imediato, serem compreendidas por pessoas de língua e cultura diversas. Joly (1999) apresenta, ainda, como fator positivo, o aumento do prazer estético e comunicativo na análise de obras constituídas por imagens, ressaltando que a sua desconstrução permite aguçar o sentido da observação e do olhar, aumentando a possibilidade de captar as informações na recepção espontânea das obras.

Puccetti (2002) afirma que a RP envolve o processo criativo, pois a obra, enquanto materialização do fazer, expressa intencionalidade. Portanto, faz parte de um processo de produção que revela o universo de cada ser, seu olhar, sua visão de mundo, num contexto de interação social. Refere-se a um registro geral de acontecimentos e envolve a interioridade e a contemplação, desencadeando a atribuição de significados. Esse produtor vive no mesmo mundo de seus interlocutores e a cultura está disponível para todos eles, em graus diferentes, dependendo da experiência pessoal de cada um. Tal fato pode facilitar a apreensão do humor intencionado pelo produtor.

A autora (op. cit.) afirma, ainda, que a RP carrega consigo as potencialidades cognitivas da visualidade. Em outras palavras, a RP desencadeia processos mentais como a abstração; associações; articulações; propiciando o desvelar da cultura e o acesso a ela, um modo de saber e de construir conhecimento. Se a RP é um acontecimento, um fenômeno visual, então ela pressupõe interpretações, implica em desvelar significados, em aproximações.

3. Materiais e métodos

Como nossa intenção neste artigo é investigar como se dá a geração da figuratividade e do humor com base em Lakoff e Johnson (1980, 1999), Fauconnier e Turner (2002) e Kövecses (2005), duas condições se manifestam: (a) uma condição congruente (ou seja, o mapeamento dos domínios das expressões metafóricas fonte e alvo que dão origem às expressões idiomáticas devem ser consistentes entre si) e (b) uma condição incongruente, ou seja, supõe-se que o humor seja resultante da incongruência entre o mapeamento das expressões linguísticas e o mapeamento das representações pictóricas. A ocorrência do mapeamento entre os domínios conceptuais das expressões linguísticas e os domínios da representação pictórica é o que o permite a criação desse efeito. Nesse caso, a mescla (*blending*) é uma etapa crucial em nossa investigação. O redesenho do enquadre cognitivo dali surgido pode ser a chave da nossa questão da pesquisa.

Portanto, para esta investigação utilizaremos uma abordagem qualitativa e exploratória em busca da compreensão, por meio da descrição, dos mecanismos que geram a figuratividade e o humor nas duas EIs. A investigação diz respeito ao consórcio de expressões idiomáticas e suas representações pictóricas literais.

Partimos do pressuposto básico de que as expressões linguísticas idiomáticas e suas respectivas representações pictóricas refletem aspectos da cognição humana, enquanto os processos cognitivos de natureza linguística e pictórica refletem o processo criativo que resulta na construção do sentido. Por meio de inferência dedutiva, testaremos a predição da ocorrência do humor e da figuratividade contidos nas representações pictóricas (*cartoons*-desenho e *cartoons*-fotografia) presentes nessas fontes e nas expressões idiomáticas a elas relacionadas.

Como anteriormente explicitado, os fundamentos teóricos nos quais baseamos nossa pesquisa são, por um lado, aqueles descritos na variação nos componentes da metáfora conceptual (KÓVECSSES, 2005) e, com essa escolha, buscamos explicar os fenômenos da linguagem natural/representações pictóricas a partir de processamentos cognitivos da mente humana, aplicando os construtos teóricos desse autor para a geração da figuratividade e do humor presentes nas EIs selecionadas. Por outro lado, através da existência de processos de mesclagem (*blending*), pensamos ser possível dar conta das regularidades observadas na relação entre linguagem verbal, linguagem não verbal (ilustrações) e cognição, sendo essas, então, teorias complementares, ou seja, a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Mesclagem Conceptual (*blending*), mais especificamente o conceito de *megablend*.

Assim, a abordagem cognitiva proposta neste artigo enfoca a interação entre estruturas conceptuais, em particular, a relação sistemática entre espaços mentais e representações verbais (EIs) e não-verbais (RPs). Parece-nos que as conexões cognitivas estabelecidas entre os espaços de entrada desempenham papel central na organização do pensamento e têm importantes consequências para a geração do humor. Por isso, esta investigação propõe-se a mobilizar os conceitos de construções cognitivas, de projeções metafóricas, de ligações entre espaços mentais, de esquemas cognitivos e de modelos culturais. Nesse sentido, os estudos de Fauconnier e Turner (2002) sobre espaços mentais fornecem um modelo geral para o estudo da interação entre conexões cognitivas, apontando o provável fenômeno de conexão entre domínios conceptuais no pensamento e na linguagem. Sobretudo, os espaços mentais não representam necessariamente mundos reais, à medida que podem ser fluidos e temporários, tendendo a focalizar uma situação local e, portanto, sua natureza não é objetiva, não envolvendo obrigatoriamente verdade/mentira, nem tendo a obrigação de serem globais.

Para que pudéssemos observar os mecanismos que levam à geração do humor nos apoiamos, dentre outros, no refinamento do diagrama de um *megablending* (figura 1) apresentado por Fauconnier e Turner (2002, p. 283):

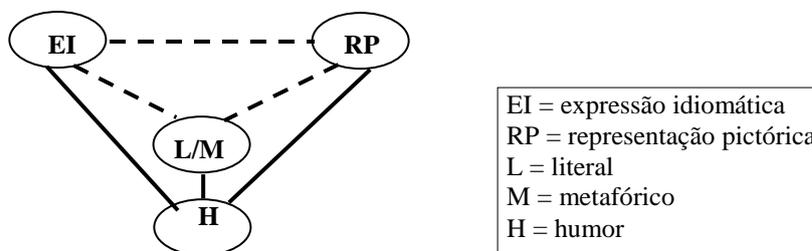


Figura 1: *Megablending*, adaptado de Fauconnier e Turner (2002, p. 283)

Os mapeamentos existentes entre os domínios metafóricos e a mesclagem conceptual desempenham um papel determinante na análise das EIs. Além disso, o conhecimento compartilhado entre os interlocutores exerce um papel crucial na criação dos efeitos humorísticos relacionados à construção de sentido. Estes poderiam ser considerados como mecanismos possibilitadores da geração do humor nas EIs, quando estas estão associadas às suas representações pictóricas.

Segundo Grady (1997, p. 82) há evidência de que certo número de mapeamentos distintos subjazem a certas expressões. Se todo mapeamento metafórico deve ter uma motivação, então distintos mapeamentos implicam motivações distintas e estas motivações envolvem aspectos particulares da experiência humana (como comer, por exemplo), podendo-

se perceber quais são as experiências que estão associadas com as conceptualizações. O significado metafórico de *engolir* tem uma forte motivação na experiência de comer. Engolir mapeia não apenas o ato de aceitar uma determinada proposição, em um sentido intelectual, mas também em aceitar que certa situação da experiência física está em questão. Neste último sentido, aceitar consiste em decidir não resistir a uma situação. Este processo – a decisão de não resistir, a mudança do pensamento de alguém para acomodar uma nova circunstância – pode também acompanhar o ato de aceitar/pegar um objeto que nos é oferecido. O mesmo tipo de cena serve de base para outra metáfora a de “aceitar” ilustrada na expressão “eu não posso aceitar isto” – assim como na etimologia do verbo aceitar, que deriva do latim, relacionando-se a uma transferência física.

O ato de engolir sugere duas explicações: (1) pode ser o caso de engolirmos inconscientemente, exceto em situações em que se coloque a questão sobre se faremos ou não isso, ou em que fazê-lo seja difícil, por alguma razão. Na maioria das vezes, engolir é um componente automático de comer e, portanto, não está correlacionado com qualquer outro conceito ou experiência em particular e (2) o segundo tipo de explicação, o lado semântico de engolir, está relacionado ao conceito alvo para a metáfora, a noção alvo de aceitação mental se refere a circunstâncias indesejáveis. Antes de engolir, mastigamos o alimento até que se reduza a uma fração possível de ser engolida. Ao engolir, nós integramos, aceitamos; engolir significa incorporar. Durante todo o tempo em que algo fica em nossa boca ainda podemos cuspi-la. Mas, depois de engolir, não é fácil expulsar o indesejável. Há coisas que julgamos difíceis de engolir, no entanto, na vida, não é raro engolirmos coisas que não gostaríamos.

Muitos verbos são utilizados no sentido metafórico. Quando dizemos que determinada pessoa “é difícil de engolir”, por exemplo, não estamos pensando na possibilidade de realmente “engolir” (mastigar, triturar e engolir) essa pessoa. De fato, associamos o ato de engolir (ingerir algo, colocar algo para dentro) ao ato de aceitar, suportar, aguentar, em suma, conviver. Nesse caso, as palavras assumem um sentido metafórico. É preciso, contudo, destacar que existem também expressões inteiras que têm sentido metafórico, como é o caso das EIs analisadas neste artigo: “o bom cabrito não berra” e “engolir sapos”. Desse modo, é possível perceber que a metáfora se afasta do raciocínio lógico, objetivo e, em decorrência, a associação feita depende da subjetividade de quem usa essa expressão, estabelecendo outra lógica, a lógica da criatividade, através da qual alguém associou o literal ao figurativo (metafórico).

Assumindo que haja uma experiência básica mental de decidir não resistir a uma situação desagradável, então engolir pode ser um conceito fonte que é mapeado nesta experiência em razão daquelas situações, em que há resistência ao ato de engolir. Em outras palavras, como o afirma Grady (1997, p. 85), o fato de haver uma correlação saliente na experiência de *engolir* e na de *decidir não resistir* não necessariamente assegura que haja uma correlação saliente entre engolir e mudança satisfatória de eventos.

Para Ruiz (2007, p. 477) a metáfora ACEITAR É ENGOLIR advém do fato de que quando recebemos um *input* cognitivo, ele é metaforicamente introduzido em nosso corpo, como se fosse engolido ou digerido. Na verdade, afirma o autor, cotidianamente a língua apresenta exemplos baseados nessa e na metáfora IDEAS ARE FOOD (IDEIAS SÃO ALIMENTO) que é uma metáfora relacionada, como nos exemplos a seguir: (a) Eu não posso digerir essas novas ideias, (b) Eu não posso engolir aquela afirmação e (c) Ele devorou o livro.

Nas duas EIs em estudo, a tensão semântica compõe-se de duas partes: (1) uma expressão linguística que pode ser usada figurativamente ou literalmente e (2) uma representação pictórica usada literalmente. Vejamos como cada uma das EIs se manifesta em nossa experiência:

(a) Engolir sapo.

Essa expressão traz *o sapo* para o campo das atividades alimentares. Engolir é comer. O ato de comer é presidido pelo paladar. O paladar é uma função discriminatória. Ele separa o saboroso do não saboroso. O saboroso é para ser engolido com prazer. O não saboroso, o corpo se recusa a comer. "Ter de engolir sapo": ser forçado a colocar dentro do corpo aquilo que é nojento, repulsivo, viscoso, indesejável, não palatável. Não há forma de engolir sapo com prazer.



Figura 2: engolir sapo
Fonte: Zocchio e Ballardin

Seria necessário estabelecer uma correlação metafórica (literal versus não literal) entre as expressões linguísticas e suas RPs, para estabelecer a construção humorística do sentido, porque não podemos esquecer que há um conhecimento peculiar das entidades constitutivas de cada domínio para que se entenda a EI. Podemos situar, por exemplo, o conhecimento de entidades constitutivas de SAPO no domínio-fonte e o conhecimento da entidade constitutiva de ENGOLIR, no domínio-alvo. As correlações referem-se ao conhecimento apreendido no momento em que as entidades constitutivas de cada domínio são relacionadas entre si, para pinçar somente os conceitos adequados à construção. Nesse ponto, estamos nos remetendo ao *blending*, contendo seus *inputs*, para efetivar a mesclagem conceptual e nela, a estrutura emergente que faz surgir a possibilidade de inferência. E aí podemos verificar a correlação metafórica entre as entidades SAPO e ENGOLIR, surgida a partir do conhecimento compartilhado de que ambos não são compatíveis. Ao engolir, esperamos que seja algo palatável, que tenha um sabor aceitável, que traga algum benefício ao corpo etc. Mas, engolir sapo, é algo intragável, indesejável, que não queremos nem esperamos vivenciar. Não é compatível com aquilo que acreditamos possível de engolir. Essa quebra de expectativa e sua relação com a imagem que apresenta é exatamente aquilo que não esperaríamos e isso pode levar à construção humorística do sentido, pois essa significação foi pinçada exatamente da contradição existente entre a expressão linguística e a sua representação pictórica, em detrimento de outras que poderiam, também, se adequar à construção do sentido.

Na metáfora ACQUIESCING IS SWALLOWING (ACEITAR É ENGOLIR) (GRADY, 1997, p. 294) temos como domínio-fonte ENGOLIR e como domínio-alvo ACEITAR. O mapeamento resultante das correlações apresentadas por Grady, ou seja, a correlação entre o ato físico de engolir e a decisão de não resistir ao objeto, constitui-se da seguinte forma: no domínio-fonte temos as ações relacionadas a engolir e as causas provenientes de engolir algo bom ou ruim. Pela Teoria da Mesclagem Conceptual poderíamos chamar essa correlação de *input* 1. Já no domínio-alvo SAPO alinham-se o aspecto asqueroso do animal, sua pele enrugada e pegajosa, o fato de não ser um alimento para humanos (apesar de sabermos que muitas pessoas comem rãs, o sapo não é uma iguaria, pelo menos no nosso universo cultural), sendo um alimento nada fácil de ser ingerido por isso é evitado, dentre outras características; nesse caso

chamaríamos de *input 2*, no *blending*. Portanto, a correlação entre SAPO e ENGOLIR, metaforicamente, indica outro sentido que não aquele de engolir como: 1. passar da boca para o estômago; deglutir; 2. devorar, consumir mas aceitável como: 1. aceitar como verdadeiro, acreditar em; 2. sofrer em segredo, ou sem protesto; dissimular. No caso de ACEITAR É ENGOLIR a tensão semântica se manifesta entre a expressão literal e a metafórica, podendo a partir disso serem construídos os sentidos humorísticos.

(b) O bom cabrito não berra.

Nessa EI, as correlações entre os domínios alvo e fonte, licenciadas pelos sub-modelos BOM CABRITO e BERRAR, incluem as atitudes de um cabrito, que por natureza berra muito, sendo um animal irracional, que delata quem dele se aproxima com um berro e assim por diante e, por outro lado, BERRAR que pode ser entendido polissemicamente como: 1. soltar berros (animais bovinos, caprinos, etc.); 2. falar muito alto, gritar. A tensão semântica fica mais evidente entre a expressão literal e a metafórica na correlação entre o animal *cabrito* e o que a expressão significa (dado que o cabrito é um animal que denuncia a presença de pessoas em seu entorno). Assim, temos um mapeamento licenciado pela semelhança imagética entre as entidades *pessoa* e *cabrito* dos dois domínios e esse mapeamento dá-se por semelhança comportamental entre as entidades desses domínios.



Figura 3: O bom cabrito não berra
Fonte: Fernandes (2001, p. 87)

Partindo-se da metáfora ACEITAR É ENGOLIR temos os modelos específicos para cada uma das EIs: (1) para O bom cabrito não berra, temos um modelo para *cabrito* e outro para *berrar*, projetado na expressão por meio da associação entre esses dois modelos.

Quanto ao humor, supõe-se que esse se produza através da retomada metafórica, pois a tensão semântica é percebida, pelo leitor, entre as expressões literais de “Engolir sapo” ou “O bom cabrito não berra”, recuperadas no discurso referente a ACEITAR É ENGOLIR. É justamente na quebra das expectativas da metaforização que percebemos a atuação do humor. Pensando nestas questões, voltamos nossa atenção para a análise que está sendo proposta aqui e percebemos que a compreensão das metáforas e das EIs depende da experiência cultural, conhecimento prévio etc. Sendo assim, a não-metaforicidade de uma expressão linguística quando confrontada com a potencialidade metafórica ou literal (não-metafórica) das representações pictóricas, pode fazer emergir o mecanismo que dá origem ao humor. O movimento seria o seguinte (figura 4):

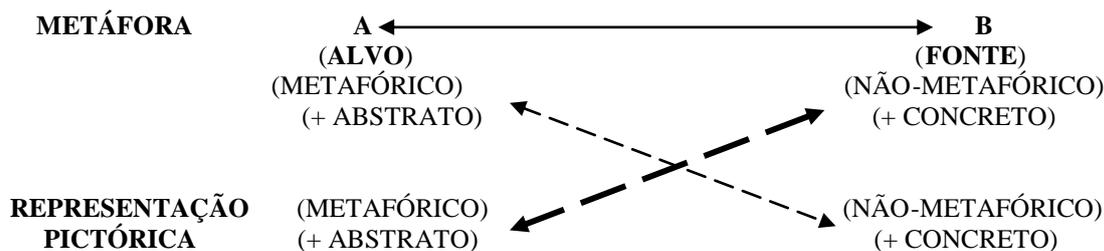


Figura 4: O continuum metafórico-literar

Nesse caso, estamos diante de uma incongruência entre o figurativo expresso pela EI e o literal expresso pela RP. As propriedades advindas de cada domínio (ou *input*, na terminologia do *blending* que veremos a seguir) das EIs são fundamentalmente baseadas em códigos culturais (Engolir sapo = calar-se, literalmente um sapo na boca pode, de fato, impedir a fala). A estrutura dos mapeamentos pressupõe os seguintes componentes:

- (i) as pessoas, em geral, consideram certos animais como sendo animais de estimação, outros como selvagens, uns como não comestíveis (como o sapo, por exemplo) outros como comestíveis e assim por diante. Alguns destes animais podem proporcionar prazer (seja por trazerem alegria, por ser um prazer alimentar, etc.) outros causam nojo, medo etc.;
- (ii) as pessoas consideram alguns animais como pacíficos (não atacam o ser humano, não prejudicam a saúde) outros como nocivos (algo em sua característica provoca asco no homem, ou medo, ou repulsa por algum aspecto corporal, fisionomia etc.)
- (iii) a similaridade entre algumas características animais e humanas pode levar à maior facilidade de interpretação dos idiomatismos. O fato pode estar diretamente ligado às experiências compartilhadas pelas pessoas. Além disso, esses aspectos podem servir como motivação para o mapeamento metafórico do domínio de animais para o domínio humano.

Entendemos que os itens (i) e (ii) existem independentemente em nossa sociedade e funcionam como base para as metáforas que licenciam certas expressões idiomáticas. Afinal, animais e homens são seres concretos, encontrados no nosso dia a dia, os quais servem de base para a geração de imagens convencionais, culturalmente geradas; este parece ser o fundamento para usar animais como conceitos fonte para os idiomatismos.

As observações anteriores reforçam nossa hipótese básica de que a geração da figuratividade e do humor é resultante da inter-relação de processos literais e figurativos que culminam na emergência de metáforas.

Num segundo momento, podemos estender essa compreensão via *blending*. Supondo que o processamento das EIs passe pelos itens (i) e (ii), tanto para as expressões verbais quanto para as não-verbais, o *blending* viria em apoio para complementar as informações para as quais os dois domínios não conseguissem dar conta, levando em consideração outras informações, que propiciariam o humor. A junção de metáfora + *blending* (Fauconnier e Turner, 2002), como ações complementares, pode estabelecer qual é o possível mecanismo que dá origem a esse humor que procuramos identificar.

O diagrama abaixo (figura 5) exemplifica um *blending* para a EI “engolir sapo”:

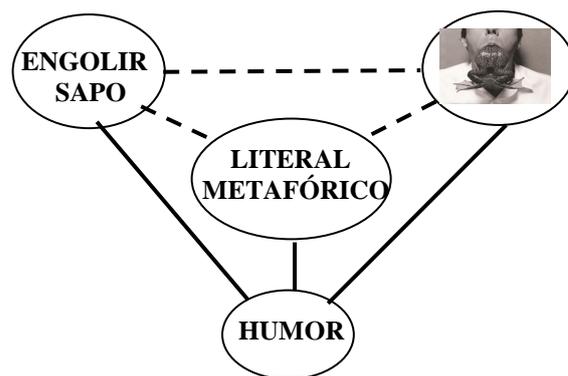


Figura 5: Projeções seletivas para mesclagem da EI “engolir sapo”

O percurso para estudar o humor é longo. No caso do espaço EI verbal, podemos considerá-lo tanto como mescla resultante de outros espaços que o geraram, quanto como espaço de entrada (*input*) que, junto com o espaço RP, comporá a mescla H (humor). Para que se chegue a esta mescla, é possível que os indivíduos utilizem o processamento L/M, ou seja, literal ou metafórico isoladamente ou de forma combinada. Dependendo do tipo de processamento feito, podemos ou não atingir o efeito humorístico.

Os espaços EI e RP são, pois, ao mesmo tempo, espaços mesclados de EI e RP e se tornam *inputs* (1 e 2) para a composição do espaço mesclado H. Nesse procedimento está envolvido o processamento literal (L) ou metafórico (M). Se o processamento da EI for M e da RP for L, ocorre o inesperado, a incongruência, a quebra da expectativa, e isso pode gerar o efeito humorístico. Se, por outro lado, houver um processamento L da EI e L da RP, essa congruência elimina o efeito humorístico.

Considerando que a expressão pictórica da EI é literal mas pode ser entendida como uma “frase” a ser lida, podemos pressupor que todos os aspectos contidos na linguagem verbal também se refletem na não-verbal (pictórica). A imagem pode motivar no leitor um resgate de informações contidas em sua memória, de tal forma que o remeta e complemente as informações contidas nas expressões verbais. A imagem ganha força na produção do humor por se tratar de algo visual, que estabelece um fino relacionamento com a realidade e quebra a expectativa do leitor criando um certo *nonsense*. Isso tudo é possível através de mesclagem conceptual e seus possíveis domínios acessados para a composição da significação na mesclagem. Ali ocorre uma fusão de ideias e valores de onde surge o estímulo cognitivo para o humor.

Conclusões

Com a combinação verbal e pictórica da EI é possível ver o mundo por outra ótica, atravessar a fronteira e descobrir o engraçado. Aparentemente é algo inatingível, entender de que modo e em que ponto se quebra a barreira entre o sério e o cômico. A realidade tratada pela conexão verbal/não-verbal desmascara a incongruência e desfaz o nó que impede o humor. Penetrar no interior do ser humano e entender como o humor é processado nesse cérebro criativo, não é uma tarefa fácil. No entanto, partir dos pressupostos da mesclagem conceptual amplia as possibilidades de entender o real/concreto via o metafórico/figurativo.

Percebemos, pela análise dos dados, que da imagem projetam-se significados, de forma que cada um dos elementos de sua composição gráfica pode contribuir com a

construção de espaços mentais que garantam a mesclagem/significação. Por outro lado, entendemos que a imagem, assim como a EI verbal não é, essencialmente, composicional (ou seja, a soma de seus elementos não gera o sentido). Ainda assim, apesar da literalidade expressa na imagem, é possível que a interpretação seja parcial ou totalmente figurativa.

À priori, podemos entender que a imagem tenha os mesmos elementos da linguagem verbal (dois domínios, fonte e alvo, remete a um significado) ainda que a força da imagem possa levar a um significado mais diretamente. Podemos afirmar que nesse processo há um continuum da seguinte forma:

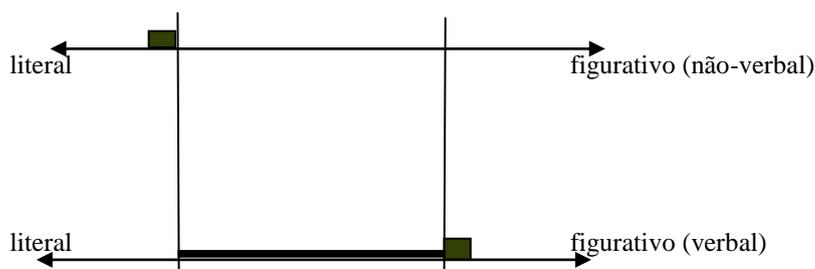


Figura 6: continuum literal – figurativo entre o verbal e o não-verbal.

Dependendo da posição do significado no *continuum*, esse distanciamento entre o ponto referente ao *continuum* não-verbal literal/figurativo e o *continuum* verbal literal/figurativo pode permitir que haja uma complementariedade/congruência de ativações conceituais, servindo como construtores de espaços mentais tanto ao verbal quanto ao não-verbal, ou seja, guias condutores para a construção do significado. Um ou outro ponto no *continuum* participa mais ou menos na geração do sentido e sua combinação favorece a interpretação da EI.

Sendo assim, podemos pressupor que a metáfora ACEITAR É ENGOLIR está apta a dar conta de outros significados básicos e da interpretação de expressões idiomáticas populares através da integração entre o literal e o figurativo. Além disso, pudemos vislumbrar a ação da mesclagem conceptual em relação às EIs e à metáfora que as licencia, dando origem a combinações que podem abrangê-las. Uma conclusão adicional é que, pela mesclagem conceptual, podemos entender de que forma as metáforas, focalizadas no nosso estudo, podem explicar elementos estranhos na correlação EI e RP. Finalmente, somos levados a crer que esta metáfora (ACEITAR É ENGOLIR), dada sua forte base experiencial, pode contribuir para uma transmissão mais fácil da significação de uma EI e mesmo torná-la mais presente em diferentes posições sócio-culturais, uma vez que diferentes EIs compartilham da mesma metáfora. Concluímos então, via *megablending*, que a incongruência entre a figuratividade da EI e a literalidade da RP é o mecanismo que leva ao surgimento do humor. Se a EI e a RP forem entendidas como literais, ou se ambas forem entendidas como metafóricas o humor não emergiria. É necessário que uma seja antagonista da outra para que a incongruência fique saliente e o humor venha à tona.

ABSTRACT: This study intend to discuss what are the cognitive process that triggers the conceptual metaphor and humour in two idioms: O bom cabrito não berra (FERNANDES, 2001, p. 87) e Engolir sapo (BALLARDIN; ZOCCHIO, 1999, p. 14). We hypothesize that the mechanism of humor in these idioms are motivated by the same metaphor ACQUIESCING IS SWALLOWING (GRADY, 1997, p. 294). We analyzed these two examples in the light of the approaches of Grady (1997), Lakoff (1999, 1987), Fauconnier e Turner (2002) e Kövecses (2005). It is argued that the effects of humor often depend on a metaphorical processes; understanding these effects requires consideration of the blending involved in these meaning generation.

Keywords: idioms; conceptual blending; pictorial representation; humour.

Referências

BALLARDIN, Everton e ZOCCHIO, Marcelo. *Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas*, São Paulo: Editora Salesiano, 1999.

BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FAUCONNIER, Gilles e TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic, 2002

FERNANDES, Millôr. *A vaca foi pro brejo = The cow went to the swamp*. 9a. edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Ph.D. Dissertation – University of California, Berkeley, 1997.

JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor in culture – universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

PUC CETTI, Roberta. *A Arte na Diferença: um estudo da relação arte/conhecimento do deficiente mental*. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, 2002.

RITCHIE, David. *Frame-shifting in humor and irony*. Portland State University: *Metaphor and Symbol*, 20, 275-294, 2006.

RUCH, Willibald *The perception of humor*. Dusseldorf, Germany: University of Dusseldorf, 2006. Disponível on-line em <http://www.uni-dusseldorf.de>. Acessado em 30 de Setembro de 2006.

RUIZ, Javier Herrero. Conceptual metaphors in fairy tales. The cases of: acquiescence is swallowing, intelligence is light, a child is hope of change and renewal, darkness is. *Interlingüística*, nº. 17, 2007 , pags. 475-482.

SILVEIRA Jane Rita Caetano. A imagem: interpretação e comunicação. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 5, número especial, 2005.

VEALE, Tony. *Metaphor and Metonymy: The cognitive trump-cards of linguistic humour*. Department of Computer Science: University College Dublin, 2003. Disponível on line em <http://affatus.ucd.ie/papers/ic/c2003.pdf>. Acessado em 10/05/2006.

RECEBIDO EM 13/04/2011 – APROVADO EM 11/09/2011